Encontros Teológicos adere a uma Licença Creative Commons –
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Solidão, unidade e nudez original: as três experiências originais do ser humano à luz das catequeses da Teologia do Corpo de João Paulo II

Solitude, unity, and original nakedness: the three original experiences of the human being in light of John Paul II's Theology of the Body audiences

Gustavo Escobozo da Costa[*]
PUCPR

Recebido em: *02/04/2025*. Aceito em: *05/08/2025*.

Resumo: *O presente artigo teve como objetivo principal compreender as três experiências originais da pessoa humana conforme apresentadas por João Paulo II no primeiro ciclo de suas Catequeses sobre a Teologia do Corpo: solidão original, unidade original e nudez original. Para tanto, utilizamos a abordagem de pesquisa qualitativa, por meio da metodologia de análise bibliográfica e documental. Essas experiências, analisadas a partir da "pré-história teológica" da humanidade narrada no livro do Gênesis, revelam verdades fundamentais sobre a identidade e vocação humana. A solidão original é a experiência fundamental em que o ser humano toma consciência de sua singularidade, transcendência e corporeidade, preparando-se para a comunhão na unidade original; tal experiência possui dois significados: o primeiro deriva da própria humanidade do homem, e o segundo, da relação entre homem e mulher, sendo, portanto, uma solidão da humanidade, e não apenas a ausência do masculino sem o feminino ou do feminino sem o masculino. A experiência da unidade original revela que a masculinidade e a feminilidade, enquanto formas complementares de ser humano, manifestam a* communio personarum*, de modo que a pessoa só se realiza plenamente na relação, refletindo, assim, a comunhão divina. A*

[*] Doutorando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2025). Bacharel em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2022) e em Filosofia (Centro Universitário Ingá, 2024).

E-mail: gustavoescobozo@hotmail.com.

experiência da nudez original revela a consciência plena do significado esponsal do corpo, no qual homem e mulher, em doação sincera e recíproca, refletem a imagem de Deus na communio personarum*. Tais experiências não pertencem apenas ao passado, mas estão enraizadas em cada homem e mulher de todos os tempos. Elas continuam a iluminar a compreensão do ser humano sobre si mesmo, sobre suas relações interpessoais e sobre seu chamado à comunhão com Deus e com os outros.*

Palavras-chave: *Teologia do Corpo; João Paulo II; experiências originais.*

Abstract: *The main objective of this article was to understand the three original experiences of the human person as presented by John Paul II in the first cycle of his Catecheses on the Theology of the Body: original solitude, original unity, and original nakedness. To this end, we adopted a qualitative research approach, using bibliographic and documentary analysis methodology. These experiences, analyzed from the perspective of the "theological prehistory" of humanity narrated in the book of Genesis, reveal fundamental truths about human identity and vocation. Original solitude is the fundamental experience in which the human being becomes aware of their uniqueness, transcendence, and corporeality, preparing for communion in original unity. This experience has two meanings: the first derives from the very humanity of man, and the second from the relationship between man and woman, thus constituting a solitude of humanity, not merely the absence of the masculine without the feminine or the feminine without the masculine. The experience of original unity reveals that masculinity and femininity, as complementary ways of being human, manifest the communio personarum, in such a way that the person is only fully realized in the relationship, thus reflecting divine communion. The experience of original nakedness reveals the full awareness of the nuptial meaning of the body, in which man and woman, in sincere and reciprocal self-giving, reflect the image of God in the communio personarum. These experiences do not belong only to the past but are rooted in every man and woman of all times. They continue to illuminate human understanding of oneself, interpersonal relationships, and the calling to communion with God and others.*

Keywords: *Theology of the Body; John Paul II; original experiences.*

Introdução

Dentre as grandes contribuições de João Paulo II para a Igreja, destacam-se as famosas Catequeses sobre a Teologia do Corpo. Estas compreendem um conjunto de 133 ensinamentos, dos quais 129 foram proferidos no início de seu pontificado, entre os anos de 1979 e 1984. Essa Teologia oferece uma profunda reflexão sobre a identidade e a vocação da pessoa humana à luz do desígnio original de Deus.

Como conteúdo inicial das reflexões do papa polonês, encontram-se as três experiências originárias do ser humano – solidão original,

unidade original e nudez original –, que são fundamentais para compreender não apenas a antropologia cristã, mas também a maneira como o homem e a mulher são chamados a viverem suas relações interpessoais e sua comunhão com Deus.

No presente artigo, utilizamos a abordagem de pesquisa qualitativa, através da metodologia de análise bibliográfica e documental, tendo como principal referencial as 23 primeiras Catequeses de todo o conjunto, compiladas no livro *Teologia do Corpo: o amor humano no plano divino*.

Também foram consultadas outras obras de estudos acerca da Teologia do Corpo de João Paulo II, em vista do conhecimento de uma maior compreensão de seu conteúdo, dado que sua profundidade teológica e filosófica é bastante densa. São elas: *Teologia do Corpo para iniciantes* e a edição americana da obra *Theology of the Body Explained* (Teologia do Corpo Explicada), ambas do teólogo norte-americano Christopher West, e também a obra *Corpo e Transcendência: A antropologia filosófica na Teologia do Corpo de São João Paulo II*, do teólogo italiano Jaroslaw Merecki.

O artigo se encontra estruturado e organizado da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos uma breve introdução às Catequeses da Teologia do Corpo; na segunda seção, discorremos acerca do diálogo de Jesus com os fariseus e o seu apelo à retornar ao "princípio"; e, finalmente, na terceira seção, destacamos e explicamos as três experiências investigadas por João Paulo II em suas catequeses: solidão original, unidade original e nudez original.

Por meio da análise do relato da criação no livro do Gênesis, João Paulo II revela que essas experiências são universais e atemporais, pois dizem respeito à estrutura fundamental do ser humano em qualquer época. A solidão original exprime o despertar da autoconsciência e da liberdade do homem diante do mundo criado. A unidade original manifesta o chamado à comunhão, expresso na relação entre homem e mulher. A nudez original, por fim, remete à pureza do olhar e à ausência de vergonha na experiência da doação sincera de si.

1 Breve introdução às catequeses

De acordo com o biógrafo de João Paulo II, George Weigel, nada que o papa fizesse no primeiro ano de seu pontificado traria maior impacto para a Igreja e para o mundo no século XXI do que a série de catequeses

por ele proferidas nas Audiências Gerais em Roma, a partir de 05 de setembro de 1979 (Weigel, 1999, p. 332, tradução do autor). Ademais:

> *Essas 130 catequeses, em seu conjunto total, constituem uma espécie de bomba-relógio teológica prestes a explodir, com dramáticas consequências, em algum momento do terceiro milênio da Igreja. Quando isso acontecer, talvez no século XXI, a* Teologia do Corpo *pode muito bem ser vista como um momento crítico não apenas na teologia Católica, mas na história do pensamento moderno. Por 350 anos, a filosofia ocidental insistiu em começar com o sujeito humano, o sujeito pensante. Karol Wojtyla, filósofo, levou a sério esse "retorno ao sujeito"; João Paulo II também assim o fez como teólogo. Ao insistir que o sujeito humano é sempre um sujeito corporificado cuja corporeidade é crítica para sua autocompreensão e relação com o mundo, João Paulo II assumiu a "virada antropológica" da modernidade com a maior seriedade. Demonstrando que a dignidade da pessoa humana pode ser "lida" por essa corporeidade, ele ajudou a enriquecer a compreensão moderna acerca da liberdade, do amor sexual e da relação entre eles* (Weigel, 1999, p. 343, tradução do autor).

Durante o período em que ainda era professor em Cracóvia, Karol Wojtyla havia escrito a obra filosófica *Amor e Responsabilidade*, publicada em 1960. Essa obra, além de tratar de diversos assuntos que permeiam a moral sexual, traz o fundamento filosófico do pensamento do papa polonês acerca da dignidade do corpo e da pessoa humana. Tais assuntos são por ele retomados nas catequeses da Teologia do Corpo, contudo, com maior profundidade teológica.

No final dessa mesma década, houve o surgimento da pílula anticoncepcional. Frente a essa realidade, a Igreja precisava dar a sua resposta e assim o fez, através do Papa Paulo VI, por meio de sua controversa Encíclica *Humanae Vitae*, sobre a regulação da natalidade, publicada em julho de 1968. Nela, o papa alerta acerca das consequências dos métodos de regulação artificial da natalidade e reafirma a doutrina da Igreja contrária a tais práticas. João Paulo II, enquanto cardeal Wojtyla, integrou a comissão organizada pelo Papa Paulo VI para a elaboração de tal Encíclica.

A publicação da Encíclica *Humanae Vitae* foi motivo de discussões e rupturas a nível global, inclusive dentro da própria Igreja, pois tamanha foi a reação negativa com que ela foi recebida. Seu biógrafo conta que quando Wojtyla foi eleito ao papado, sabia que o último esforço da Igreja para lidar com a revolução sexual e sua relação com a vida moral por

meio da Encíclica *Humanae Vitae* foi um fracasso catequético e pastoral e que, diante de tanta rejeição, era o momento de colocar a discussão em uma nova perspectiva (Weigel, 1999, p. 334-335, tradução do autor).

Paulo VI, em sua Encíclica sobre a regulação da natalidade, afirmou:

> *O problema da natalidade, como de resto qualquer outro problema que diga respeito à vida humana, deve ser considerado numa perspectiva que transcenda as vistas parciais – sejam elas de ordem biológica, psicológica, demográfica ou sociológica – à luz da* visão integral do homem e da sua vocação*, não só natural e terrena, mas também sobrenatural e eterna* (HV 5, grifo do autor).

Essa "visão integral do homem e da sua vocação" serviu de inspiração para que a Teologia do Corpo fosse escrita pelo cardeal Karol Wojtyla, que compreendeu que para que o ensinamento da Igreja sobre a regulação da natalidade fosse compreendido, seria de fato necessária uma "visão integral do homem e da sua vocação".

Conforme Christopher West observa (2007, p. 82), isso é exatamente o que as catequeses da Teologia do Corpo, em seu conjunto, oferecem: uma "antropologia adequada", sobre a qual é possível construir uma adequada compreensão da Encíclica *Humanae Vitae* e das demais questões éticas que dizem respeito à pessoa humana e a sua dignidade ontológica. Como o próprio Papa Polonês afirmou na última catequese de seus ensinamentos sobre a Teologia do Corpo, todas as suas reflexões parecem constituir "um amplo comentário à doutrina contida precisamente na Encíclica *Humanae Vitae*"[1] (TdC 133,2).

Após o falecimento de Paulo VI em 1978, Karol Wojtyla, que já era Cardeal e Arcebispo de Cracóvia, foi até Roma para o conclave que elegeria o próximo Papa, João Paulo I. Consigo, trouxe um livro que estava sendo escrito por ele há quatro anos, cujo título era *Homem e Mulher Ele os Criou*. Após o conclave que elegeu João Paulo I, Karol Wojtyla retornou à Cracóvia. Contudo, após 33 dias da eleição de João Paulo I, este veio a falecer e um novo conclave foi feito, elegendo então Karol Wojtyla, que passou a ser chamado João Paulo II. Sua obra, prevista para ser publicada como um livro, foi então adaptada para que

[1] Ao fazer referência às Catequeses de Teologia do Corpo, será resumida por TdC com o número e o parágrafo correspondente à compilação na obra Teologia do Corpo: o amor humano no plano divino, da editora Ecclesiae.

nos anos posteriores pudesse ser apresentada através das Audiências Gerais de quarta-feira, tornando-se o projeto formativo inaugural de seu pontificado. Christopher West (2007, p. 10, tradução do autor) aponta que tal adaptação fez com que os escritos passassem a ser um trabalho oficial de seu magistério, ao invés de um trabalho de um teólogo polonês.

Na conclusão das catequeses sobre a Teologia do Corpo, João Paulo II assim explicou:

> *O conjunto das catequeses que iniciei há quatro anos e que hoje concluo pode ser compreendido sob o título "O amor humano no plano divino" ou, com mais precisão: "A redenção do corpo e a sacramentalidade do matrimônio". Elas dividem-se em duas partes. A* primeira parte *é dedicada à* análise das palavras de Cristo*, que se mostram adequadas para abrir o tema presente. [...] Temos, antes de tudo, o texto em que Cristo se refere "ao princípio" no colóquio com os fariseus sobre a unidade e indissolubilidade do matrimônio. Prosseguindo, temos as palavras pronunciadas por Cristo no Sermão da Montanha sobre a "concupiscência" como "adultério cometido no coração". Por fim, temos as palavras transmitidas por todos os sinóticos, em que Cristo faz referência à ressurreição dos corpos no "outro mundo". A* segunda parte *da catequese foi dedicada à* análise do sacramento *com base na Carta aos Efésios, que se refere ao "princípio" bíblico do matrimônio expresso nas palavras do Livro do Gênesis (2,24): "o homem deixará seu pai e sua mãe, e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne". As catequeses da primeira e da segunda parte servem-se repetidamente do termo "*teologia do corpo*". Este, em certo sentido, é um termo "de trabalho". A introdução do termo e do conceito de "teologia do corpo" era necessária para fundar o tema: "A redenção do corpo e a sacramentalidade do matrimônio" numa base mais ampla. É preciso, de fato, já observar que o termo "teologia do corpo" ultrapassa amplamente o conteúdo das reflexões feitas. Estas reflexões não compreendem os múltiplos problemas que, em referência ao seu objeto, pertencem à teologia do corpo (como, por exemplo, o problema do sofrimento e da morte, tão relevante na mensagem bíblica). É preciso dizê-lo claramente. Todavia, é preciso também reconhecer de modo explícito que as reflexões sobre o tema: "A redenção do corpo e a sacramentalidade do matrimônio" podem ser desenvolvidas corretamente, partindo do momento em que a luz da Revelação toca a realidade do corpo humano (ou seja, na base da "teologia do corpo")* (TdC 133,1).

Todo o conjunto de Catequeses é estruturado e organizado em três partes. Estas partes, por sua vez, são subdividas em seis ciclos, seguindo

a cronologia em que foram pronunciadas, sendo quatro ciclos para a primeira parte, um ciclo para a segunda e um ciclo para a última. Para o presente artigo, focaremos no primeiro ciclo das catequeses, as quais o papa realiza uma análise das palavras de Cristo ao "princípio", a partir do seu diálogo com os fariseus, conforme narrado nos Evangelhos de Marcos (10,2-12) e Mateus (19,3-9).

2 O apelo de Cristo ao "princípio"

As reflexões de João Paulo II se fundamentam no que ele mesmo chama de antropologia adequada. Em sua teologia, essa antropologia busca compreender e interpretar a pessoa humana naquilo que é essencialmente humano (TdC 13,2). "A antropologia adequada, segundo a definição do Pontífice, busca colher aquilo que no homem é especificamente humano, aquilo que o distingue de todos os outros seres sobre a terra" (Merecki, 2014, p. 7). Isto posto, nessa antropologia, a pessoa humana é vista na sua integridade, evitando-se, portanto, qualquer tipo de reducionismo.

Para suas reflexões deste primeiro ciclo de Catequeses, as quais tratam do apelo de Cristo ao "princípio", João Paulo II parte do diálogo de Jesus com os fariseus, que é narrado pelos evangelhos de Marcos (10,2-12) e Mateus (19,3-9). Ao ser questionado sobre a indissolubilidade do matrimônio, Jesus, para responder aos fariseus, remonta ao livro do Gênesis, ou seja, ao "princípio", resgatando o plano original de Deus para o homem e a mulher, e também para o matrimônio. De fato, "aquela expressão significativa 'desde o princípio', repetida duas vezes por Cristo, leva claramente os interlocutores a refletirem sobre o modo como no mistério da criação foi moldado o homem, precisamente como 'homem e mulher'" (TdC 1,4).

Através dessa perícope, o papa aponta que Cristo não aceita que a questão da indissolubilidade do matrimônio seja discutida no nível da práxis histórica do ser humano marcado pelo pecado original[2], mas a transporta para o nível da situação anterior ao pecado original, ou seja, à sua situação proto-histórica[3]. Nesse sentido, Jesus faz o convite para que

[2] Ao longo das catequeses, João Paulo II se utiliza do termo "homem histórico" para se referir ao estado da humanidade após o pecado original e que já foi redimida por Cristo. Portanto, ao tratarmos da humanidade histórica, estaremos nos referindo ao homem e a mulher nessa condição.

[3] A situação proto-histórica corresponde ao que na teologia é chamado de estado de natureza íntegra, onde o primeiro homem e a primeira mulher se encontram em

seus interlocutores ultrapassem o limiar do pecado original e encontrem a verdade sobre o matrimônio no contexto vivido pelo homem em plena harmonia com o seu criador (Merecki, 2014, p. 5).

A partir disso, João Paulo II desenvolve uma hermenêutica da "pré--história teológica" do homem, ou seja, do seu princípio teológico. De acordo com Merecki (2014, p. 9), embora o Papa tome como ponto de partida o texto bíblico do Gênesis, sua análise não possui o caráter da exegese bíblica no sentido técnico do termo. Antes, o método por ele utilizado pode ser definido como a "hermenêutica fenomenológica do princípio", onde o texto bíblico fornece a possibilidade do questionamento da experiência humana originária, conforme é encontrado nas duas narrativas da criação existentes no livro do Gênesis. Merecki ainda observa:

> *Dessa dimensão, que São João Paulo II chama de "proto-histórica", nos separa o pecado original, que constitui exatamente o limiar entre a proto-história e a história do homem. [...] do pecado original dependem: as modificações da mesma estrutura ôntica do homem, a mudança do equilíbrio entre aquilo que nele é material e aquilo que é espiritual, [...]. Por outro lado, São João Paulo II está convicto de que entre estes dois estados: proto-histórico e histórico, existe também certa continuidade que nos permite aproximar-se ao estado proto-histórico, à experiência que era própria do homem antes do pecado original* (Merecki, 2014, p. 9).

Por meio da "hermenêutica fenomenológica do princípio", o pontífice faz sua análise do "princípio" do homem e da mulher através da aproximação entre os dois relatos da criação, que são construídos sobre a base da experiência, sendo o primeiro (Gn 1,1-2,4a) caracterizado por um conteúdo objetivo e metafísico, e o segundo (Gn 2,4b-25) caracterizado por um conteúdo subjetivo e teológico. A aproximação desses dois relatos proporciona uma percepção ontológica e personalista, de onde o papa polonês extrai três experiências elementares da primeira humanidade criada, salientando a consciência de como o homem e a mulher se percebem dentro da criação, através da corporeidade.

As reflexões sobre as três experiências elementares da humanidade do "princípio" se concentram sobretudo na segunda narrativa da criação (Gn 2,4b-25), que em certo sentido constitui a "mais antiga descrição e registo da autocompreensão do homem e, juntamente com o capítulo

harmonia com o Criador e com a criação. Para se referir a esse estado da humanidade, João Paulo II se utiliza dos termos "homem do princípio" ou "homem originário".

3, é o primeiro testemunho da consciência humana" (TdC 3,1). Esta narrativa carrega consigo uma rica carga fenomenológica, sendo o método fenomenológico essencial para a compreensão da experiência da humanidade antes da queda. Ademais, a experiência da humanidade é analisada pelo Papa "a partir de dentro", ou seja, a partir da perspectiva da sua subjetividade (Merecki, 2014, p. 10). De acordo com João Paulo II, ao se interpretar a revelação a respeito do ser humano e a respeito do corpo, se deve fazer referência à experiência, porque o ser humano corpóreo é percebido sobretudo na experiência (TdC 4,4).

> *Para São João Paulo II é a experiência do corpo que nos põe em contato com o estado proto-histórico e com o vivido pelo primeiro homem (homem e mulher). Não obstante o pecado original e as suas consequências, a* experiência do corpo *conserva a sua continuidade entre o estado proto--histórico e o estado histórico. O homem sempre, experimentando a si mesmo, vive como "encarnado" e* todas as suas experiências de alguma maneira estão ligadas à corporeidade. *[...] Ao revelar o conteúdo da* experiência do corpo *antes do pecado original e das suas consequências para toda a visão do homem, São João Paulo II utiliza o método que poderia ser chamado "o método de contraste". Mesmo se não dispomos do acesso direto à experiência proto-histórica, porque toda a nossa experiência é marcada pelo pecado original, podemos intuir o sentido desta experiência a partir daquilo que nos foi dado quase* per viam negationis (Merecki, 2014, p. 11-12, grifo do autor).

Isto posto, as três experiências originais do estado de inocência original, ou seja, antes do pecado original, analisadas pelo Papa Polonês, que se encontram na segunda narrativa da criação (Gn 2,4b-25), são: solidão original, unidade original e nudez original. Todas elas se apresentam ligadas à corporeidade.

3 As três experiências originais do ser humano

3.1 Solidão original

A primeira experiência originária destacada pelo sumo pontífice é a chamada "solidão original". Esta, que antecede o encontro do homem com a mulher, corresponde a uma solidão ontológica do homem, que após ter colocado nome em todos os animais (Gn 2,20), adquire consciência da própria superioridade, isto é, de não poder colocar-se em igualdade com nenhuma outra espécie de seres vivos sobre a terra (TdC 5,4). Ainda que

o significado mais óbvio dessa solidão corresponda ao fato de o homem estar sozinho sem a mulher, o papa polonês extrai um significado mais profundo (West, 2018, p. 50).

Tal experiência originária de solidão possui dois significados: o primeiro deriva da própria criatura do homem, isto é, da sua humanidade; o segundo deriva da relação homem-mulher (TdC 5,2). Portanto, essa solidão é uma solidão da humanidade, não somente uma solidão que se refere ao masculino sem o feminino ou ao feminino sem o masculino.

Ademais, na experiência da solidão original, estão incluídas também a autoconsciência e a autodeterminação (TdC 6,1). A primeira, é a consciência de ser pessoa. A segunda, vem da tarefa de estar diante da árvore do conhecimento do bem e do mal e de poder escolher entre comer ou não comer do fruto, ou seja, é o seu livre-arbítrio. Tudo isso é possível através da corporeidade. João Paulo II assim afirma:

> *O homem, assim formado, pertence ao mundo visível, é corpo entre os corpos. [...] O corpo, mediante o qual o homem participa no mundo criado visível, torna-o ao mesmo tempo consciente de "estar sozinho". De outro modo não teria sido capaz de chegar àquela convicção, a que, efetivamente, como lemos, chegou se o seu corpo o não tivesse ajudado a compreendê-lo, tornando o fato evidente. A consciência da solidão poderia ter enfraquecido, precisamente por causa do seu próprio corpo. [...] A análise do texto javista permite-nos também relacionar a solidão original do homem com a consciência do corpo, mediante o qual o homem se distingue de todos os "animalia" e "se separa" deles, e também mediante o qual ele é pessoa. Pode-se afirmar com certeza que aquele homem assim formado tem simultaneamente o conhecimento e a consciência do sentido do próprio corpo. E isto baseado na experiência da solidão original* (TdC 6,3).

A primeira narrativa da criação apresenta, após a criação da humanidade, a ordem de que esta "encha e domine a terra" (cf. Gn 1,28). Segundo o papa, o homem pode realizar tal tarefa pois só ele possui a capacidade para tal, visto que é uma atividade especificamente humana (TdC 6,4). Por conseguinte, João Paulo II salienta não apenas a consciência do corpo, mas também seu próprio significado. A consciência se identifica com o descobrimento da complexidade da própria estrutura que consiste na relação entre a alma e o corpo. Ademais, há também a consciência de superioridade diante do restante da criação, que se dá por uma atuação ou comportamento especificamente humano. Tal consciência

traz junto de si uma especial percepção do significado do corpo, que vem do fato de que cabe ao homem o cultivo e o domínio da terra. Isso só lhe é possível pela intuição humana do significado do seu corpo (TdC 7,1). Com isso, João Paulo II sublinha:

> *O homem é um sujeito não só pela sua autoconsciência e autodeterminação, mas também com base no próprio corpo. A estrutura deste corpo é tal que lhe permite ser o autor duma atividade verdadeiramente humana. Nesta atividade,* o corpo exprime a pessoa. *Ele é, portanto, em toda a sua materialidade ("formou o homem do pó da terra"), quase penetrável e transparente, de maneira que evidencia quem é o homem (e quem ele deveria ser) graças à estrutura da sua consciência e da sua autodeterminação. Nisso se apoia a percepção fundamental do significado do corpo em si, que não se pode deixar de descobrir ao analisar a solidão original do homem* (TdC 7,2).

Em suma, o ser humano, na experiência da chamada "solidão original", alcança sua pessoal consciência no processo em que se distingue de todos os seres vivos. Simultaneamente, nesta experiência de solidão, abre-se para um ser semelhante a ele, que o texto bíblico define como "auxiliar que lhe é semelhante" (Gn 2,18-20) (TdC 9,2).

Portanto, a solidão original descrita na segunda narrativa da criação introduz, no seu primeiro significado, o descobrimento da característica transcendência própria da pessoa, e, num segundo significado, o descobrimento de uma adequada relação "à" pessoa (TdC 9,2). Pode-se observar, nessa perícope, um problema antropológico fundamental, em que o próprio Deus diz que "não é bom que o ser humano esteja só, vou fazer-lhe um auxiliar que lhe corresponda" (cf. Gn 2,18). Com isso, partindo da narrativa bíblica, percebe-se que a solidão é caminho que leva à unidade.

3.2 Unidade original

A segunda experiência refletida nas Audiências Gerais por João Paulo II foi a "unidade original". Esta, diferente da anterior, "baseia-se na masculinidade e na feminilidade, quase como sobre duas diferentes 'encarnações', isto é, sobre dois modos de 'ser corpo' do mesmo ser humano, criado à imagem de Deus" (TdC 8,1). Como ponto de partida, tem-se o seguinte texto bíblico: "por isso o homem deixa o seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne" (Gn 2,24).

Aqui, há a profunda reflexão de que homem e mulher compartilham de uma mesma humanidade: "Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne" (Gn 2,23). Portanto, pode-se enxergar a grande expressão de comunhão que há na relação homem-mulher. Isso é permitido pela própria corporeidade, onde o corpo da mulher comunica algo ao homem e o corpo do homem comunica algo à mulher. Eles se reconhecem como um complemento ao outro. Ademais, com essa exclamação do primeiro homem diante da primeira mulher, João Paulo II afirma que o corpo revela a pessoa (TdC 9,4).

Tal unidade, possui duas dimensões através do corpo: dimensão ética e dimensão sacramental, estritamente teológica (TdC 9,5). Ademais, essa unidade, que se realiza através do corpo indica, desde o princípio, não só o corpo, mas também a *communio personarum*[4] (TdC 9,5). Portanto, pode-se dizer que desde o princípio, homem e mulher são chamados a superarem sua solidão e adentrarem no âmbito da relacionalidade, onde a diferença sexual não pode ser uma ameaça, mas antes um convite à complementaridade.

Isto posto, o Sumo Pontífice busca extrair, da segunda narrativa da criação, aquilo que a primeira narrativa evidencia de forma clara e objetiva: o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26). Dado que a segunda narrativa não traz de forma direta esse fato, ele procura deduzir, partindo da mesma narrativa, a forma indireta em que esta trata da "imagem de Deus". Para tal, parte da criação do homem que primeiramente é submetido à experiência da solidão original, para então dar a vida à *communio personarum*, formada pela mulher e pelo homem. Com isso, a segunda narrativa se adapta ao conteúdo da primeira.

Destarte, para extrair o conceito de "imagem de Deus", parte-se da ideia de que o homem é "imagem e semelhança" do Criador não apenas mediante a própria humanidade, mas ainda mediante a comunhão das pessoas, que a mulher e o homem formam desde o princípio (TdC 9,3). Assim, João Paulo II afirma:

[4] Comunhão de Pessoas. Expressão retomada do Concílio Vaticano II por João Paulo II para se referir à experiência de relação que homem e mulher são chamados. Em seu pensamento, ao diferenciar comunhão de comunidade, afirma que "*communio* diz mais e com maior precisão, porque indica exatamente aquela 'auxiliar' que deriva, em certo sentido, do próprio fato de existir como pessoa 'do lado' de outra pessoa" (TdC 9,2). Nesse sentido, a relação entre o homem e a mulher é uma relação de comunhão, não de comunidade, onde a comunhão é parte ontológica do ser humano.

> *A função da imagem está em espelhar aquele que é o modelo, reproduzir o seu protótipo. O homem torna-se imagem de Deus não tanto no momento da solidão quanto no momento da comunhão. Ele, de fato, é "desde o princípio" não só imagem em que se espelha a solidão de uma Pessoa que governa o mundo, mas também, e essencialmente, imagem de uma imperscrutável comunhão divina de Pessoas. Deste modo, a segunda narrativa poderia ser também uma preparação para se compreender o conceito trinitário da "imagem de Deus", embora esta apareça apenas na primeira narrativa. [...] No mistério da criação – com base na original e constitutiva "solidão" do seu ser – o homem foi dotado de profunda unidade entre aquilo que nele, humana e corporeamente, é masculino, e o que nele, não menos humana e corporeamente, é feminino. [...] Encontramo-nos, portanto, como que na medula da realidade antropológica que tem por nome "corpo". [...] Como é fácil observar, esta realidade não é apenas antropológica, mas também essencialmente teológica. A teologia do corpo, que desde o princípio está ligada à criação do homem à imagem de Deus, torna-se, de certo modo, também teologia do sexo, ou antes teologia da masculinidade e da feminilidade, que aqui, no Livro do Gênesis, encontra o seu ponto de partida* (TdC 9,3-5).

3.3 Nudez original

Finalmente, a terceira experiência é a chamada "nudez original", que João Paulo II elenca como "um dos elementos-chave da revelação original, tão determinante como os outros" (TdC 11,2) e que, "no primeiro esboço bíblico da antropologia, não é coisa acidental. Pelo contrário, forma precisamente a chave para a sua plena e completa compreensão" (TdC 11,2). Esta, partindo da experiência de que "homem e mulher estavam nus, mas não sentiam vergonha" (Gn 2,25), demonstra que o homem e a mulher, em sua condição originária, ou seja, antes do pecado original, se encontram conscientes da própria capacidade de autodoação que tinham em relação ao outro. O Papa Polonês afirma:

> *A frase, segundo a qual os primeiros seres humanos, homem e mulher, "estavam nus", mas "não sentiam vergonha", descreve indubitavelmente o estado de consciência de ambos, e, mais ainda, a sua recíproca experiência do corpo, isto é, a experiência por parte do homem da feminilidade que se revela na nudez do corpo e, reciprocamente, a análoga experiência da masculinidade por parte da mulher. Afirmando que "não sentiam vergonha", o autor procura descrever esta experiência recíproca do corpo com a máxima precisão que lhe é possível* (TdC 11,3).

Por conseguinte, se utilizando do "método de contraste", João Paulo II contrasta a situação originária em que "homem e mulher estavam nus, mas não sentiam vergonha" (Gn 2,25) com a situação após a queda em que "reconheceram que estavam nus" (Gn 3,7). Evidenciando que a experiência da vergonha é uma experiência de fronteira, afirma que esta se dá em um nível mais profundo do que o puro e simples uso do sentido da vista, e que tal mudança corresponde de forma direta à experiência do significado do próprio corpo diante das criaturas e do Criador (TdC 11,5).

Ademais, ele estabelece que "se trata de uma verdadeira *não--existência* da vergonha, e não de uma carência ou subdesenvolvimento dela", e que as palavras narradas em Gn 2,25 (não sentiam vergonha), não manifestam carência, ao contrário, indicam "especial plenitude de consciência e de experiência, sobretudo a plenitude de compreensão do significado do corpo, ligada ao fato de 'estarem nus'" (TdC 12,2).

Com isso, para a descoberta do significado da nudez original, é necessário não apenas considerar a participação da humanidade na percepção exterior do mundo, mas também é preciso descer ao íntimo do ser humano, chegando à dimensão da sua interioridade humana, para a correta compreensão da comunicação interpessoal que permitia com que o homem e a mulher estivessem nus, mas não sentissem vergonha (TdC 12,4). Portanto, a partir da segunda narrativa da criação, pode-se observar:

> *O corpo, através da própria visibilidade,* apresenta *o homem e, manifestando-o, o faz de intermediário, isto é, faz com que o homem e a mulher, desde o princípio, "se comuniquem" entre si segundo aquela* communio personarum *desejada pelo Criador precisamente para eles. Somente esta dimensão, ao que parece, nos permite compreender de modo apropriado a significação da nudez original* (TdC 12,5).

Em seguida, ainda no contexto das reflexões sobre a experiência da nudez original, João Paulo II passa a refletir sobre a "hermenêutica do dom", cuja dimensão "vem verdade essencial e da profundidade de significado da solidão-unidade-nudez original" (TdC 13,2). A dimensão do dom pode ser encontrada também no mistério íntimo da criação, que significa não apenas chamar o homem do nada à existência, mas também "doação em que o dom surge precisamente do nada" (TdC 13,3), e, por isso, "toda a criatura traz em si o sinal do dom original e fundamental" (TdC 13,4).

Ademais, o conceito de doação não pode se referir ao nada. Antes, é necessário quem dá e quem recebe o dom, bem como a relação entre

ambos. Essa relação surge, conforme narra o livro do Gênesis, no momento em que o Criador cria o homem à Sua imagem. De fato, criação é um dom pois nela o homem aparece como imagem de Deus, sendo capaz de responder ao seu Criador. Assim, a criação constitui um dom fundamental e original, onde o ser humano aparece como aquele que recebeu em dom o mundo, e o mundo recebeu em dom o ser humano (TdC 13,4).

Nesse íntimo vínculo entre o mistério da criação e o princípio do homem e da mulher narrado no livro do Gênesis, o Papa reflete que quando o primeiro homem, à vista da primeira mulher, exclama que ela "é osso dos meus ossos e carne da minha carne" (Gn 2,23), está afirmando a identidade humana de ambos. Ao realizar tal exclamação, pode-se compreender que de fato "o corpo exprime a pessoa", ou ainda, "o corpo revela a alma viva" (TdC 14,4). Aqui, enxergamos que o homem, ao superar a solidão, agora aparece na dimensão do recíproco dom, que tem como expressão o próprio corpo humano. Conforme João Paulo II:

> *O corpo, que exprime a feminilidade "para" a masculinidade e, vice-versa, a masculinidade "para" a feminilidade, manifesta a reciprocidade e a comunhão das pessoas. Exprime-a por meio do dom como característica fundamental da existência pessoal. Este é o corpo: testemunha da criação como um dom fundamental, portanto testemunha do Amor como origem de onde surgiu este mesmo dom. A masculinidade-feminilidade – isto é, o sexo – é o sinal original de uma doação criadora e de uma tomada de consciência por parte do homem, varão e mulher, de um dom vivido, por assim dizer, de modo originário. Tal é o significado com que o corpo entra na teologia do corpo* (TdC 14,4).

Esse significado do corpo é chamado por João Paulo II, de "significado esponsal", que em suas próprias palavras significa "a capacidade de exprimir o amor: precisamente aquele amor em que o homem-pessoa se torna dom e – mediante este dom – pratica o sentido mesmo do seu ser e existir" (TdC 15,1). O Papa afirma:

> *O corpo humano, orientado interiormente pelo "dom sincero" da pessoa, revela não só a sua masculinidade e feminilidade no plano físico, mas revela também tal valor e tal beleza que ultrapassam a dimensão simplesmente física da "sexualidade". Deste modo, completa-se em certo sentido a consciência do significado esponsal do corpo, ligado à masculinidade-feminilidade do homem. Por um lado, este significado indica uma especial capacidade de exprimir o amor, no qual o homem se torna dom; e, por outro, corresponde-lhe a capacidade e a profunda*

> *disponibilidade para a "afirmação da pessoa", isto é, literalmente, a capacidade de viver o fato de o outro – a mulher para o homem e o homem para a mulher – ser, por meio do corpo, alguém desejado pelo Criador "em si mesmo", isto é, único e irrepetível: alguém escolhido pelo eterno Amor. A "afirmação da pessoa" não é senão acolhimento do dom, que, mediante a reciprocidade, cria a comunhão das pessoas; esta se constrói a partir de dentro, compreendendo também toda a "exterioridade" do homem, isto é, tudo aquilo que forma a nudez pura e simples do corpo na sua masculinidade e feminilidade. Então – como lemos em Gênesis 2,25 – o homem e a mulher não sentem vergonha. A expressão bíblica "não sentiam" indica diretamente a "experiência como dimensão subjetiva* (TdC 15,4).

Tal experiência vivenciada pelo primeiro homem e pela primeira mulher é narrada de forma breve, visto que o capítulo seguinte do relato genesíaco trará como conteúdo a queda da humanidade pelo pecado e suas consequências. Contudo, João Paulo II afirma que tal trecho traz consigo um surpreendente conteúdo teológico e antropológico, pois ao decorrer de toda a história da humanidade, o ser humano não deixará de conferir significado esponsal ao próprio corpo.

Ainda que tal significado tenha sofrido as deformações devido ao pecado, sempre se manterá no nível mais profundo da pessoa humana, devendo sempre ser sempre revelado em toda a sua simplicidade e pureza, e sendo manifestado em toda a sua verdade, como sinal da imagem de Deus (TdC 15,5). Conforme João Paulo II:

> *Falando das originais experiências humanas, pensamos não tanto no seu afastamento no tempo, quanto e mais ainda no seu significado fundamental. O importante não é, por conseguinte, que estas experiências pertençam à pré-história do homem (à sua pré-história teológica), mas que elas se encontrem na raiz de toda a experiência humana. É isto verdade, se bem que a estas experiências essenciais, na evolução da ordinária existência humana, não se preste muita atenção. Elas, de fato, encontram-se tão ligadas às coisas ordinárias da vida, que em geral não damos conta de serem extraordinárias* (TdC 11,1).

Assim, à luz do ciclo inicial das Catequeses da Teologia do Corpo de João Paulo II, as experiências refletidas até aqui, solidão--unidade-nudez, que compõem o estado de inocência original da humanidade em sua pré-história teológica, por mais distantes que pareçam estar, se encontram enraizadas em cada homem e em cada mulher de todos tempos.

Conclusão

O objetivo geral deste artigo foi apresentar como João Paulo II compreende as três experiências originais da pessoa humana em sua Teologia do Corpo. Para tanto, investigamos o primeiro ciclo de catequeses proferidas pelo papa polonês, composto de 23 catequeses, em que ele trata da dimensão originária da pessoa humana a partir do apelo de Cristo ao "princípio".

As reflexões de João Paulo II sobre as três experiências originais da pessoa humana se fundamentam naquilo que ele chama de antropologia adequada, uma abordagem que busca compreender o ser humano em sua totalidade, evitando reducionismos. Ao analisar a narrativa bíblica da criação, o Papa polonês emprega uma "hermenêutica fenomenológica do princípio", pela qual investiga a experiência originária da humanidade antes do pecado original.

A experiência da solidão original, conforme descrita por João Paulo II, revela-se como um momento essencial no desenvolvimento da autoconsciência e da autodeterminação do ser humano. Por meio da distinção entre si e os outros seres vivos, a pessoa humana descobre sua singularidade e sua superioridade dentro da criação, tomando consciência de sua corporeidade como expressão da pessoa. Essa solidão, contudo, não é apenas ausência de outro semelhante, mas também uma percepção fundamental da transcendência humana e do significado do corpo. Assim, ao mesmo tempo em que descobre sua identidade pessoal, se abre para a relação com outro ser que lhe corresponde, preparando o caminho para a unidade original.

Por conseguinte, a experiência da unidade original revela que a masculinidade e a feminilidade são duas formas complementares de ser humano, expressas no corpo. Essa comunhão entre homem e mulher não é apenas biológica, mas ontológica e teológica, pois manifesta a *communio personarum*, revelando que a pessoa só se realiza plenamente na relação. A corporeidade, ao expressar a pessoa, permite que homem e mulher se reconheçam mutuamente, superando a solidão original e entrando na dinâmica da comunhão. Assim, João Paulo II identifica na relação homem-mulher uma imagem da própria comunhão divina, afirmando que o ser humano reflete Deus não apenas em sua individualidade, mas sobretudo na unidade interpessoal.

Finalmente, a experiência da nudez original revela a plena consciência do homem e da mulher sobre o significado do próprio corpo antes do pecado, manifestando uma relação de doação sincera e recíproca, sem vergonha ou objetificação. Essa experiência, profundamente ligada à *communio personarum*, demonstra que o corpo humano é chamado a expressar o amor como dom, em um significado esponsal que reflete a imagem de Deus na humanidade. Apesar das distorções causadas pelo pecado, o significado esponsal do corpo permanece inscrito na pessoa humana, devendo ser redescoberto e vivido em sua pureza e verdade.

João Paulo II destaca que a tríade de experiências originais – solidão, unidade e nudez – não são apenas eventos distantes na pré-história teológica da humanidade, mas realidades profundamente enraizadas na experiência de cada ser humano. Apesar de frequentemente passarem despercebidas no cotidiano, elas fundamentam a identidade e a vocação do homem e da mulher, revelando o significado mais profundo do corpo e das relações interpessoais. Assim, essas experiências essenciais continuam a iluminar a compreensão do ser humano sobre si mesmo, sobre o outro e sobre sua relação com Deus.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

MERECKI, Jaroslaw. *Corpo e Transcendência:* a antropologia filosófica na Teologia do Corpo de São João Paulo II. Brasília: Edições CNBB, 2014.

SÃO JOÃO PAULO II. *Teologia do Corpo:* o amor humano no plano divino. 2. ed. Campinas: Ecclesiae, 2019.

WEIGEL, George. *Witness to Hope:* The Biography of Pope John Paul II. New York: Harper Collins, 1999.

WEST, Christopher. *Teologia do Corpo para iniciantes:* redescobrindo o significado da vida, amor, sexo e gênero. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

WEST, Christopher. *Theology of the Body Explained:* a commentary on John Paul II's Man and woman He created them. 2nd ed. Boston: Paulines, 2007.